

Casas das elites de Salsete em Goa, entre o século XVII e o século XIX: Elementos para a caracterização da arquitetura habitacional indo-portuguesa

Lígia Sampaio¹

Mestre em História da Arte. Doutoranda em História da Arte Portuguesa na Faculdade de Letras.
Universidade do Porto.

Resumo: O presente trabalho consiste na investigação das residências de arquitetura indo-portuguesa circunscritas à *taluka* de Salsete em Goa na Índia. O universo desta pesquisa prende-se a um inventário por nós definido, englobando sessenta e nove casas cristãs visitadas, tendo sido apurado um conjunto de dezasseis casas sobrado e cinquenta e três casas pátio. As casas indo-portuguesas, objetivo deste estudo, inserem-se num período compreendido entre o final século XVII ao século XIX, cujos proprietários são as elites autóctones, os brâmanes e os chardós convertidos ao cristianismo.

Focamo-nos em evidenciar as interinfluências estéticas entre os costumes enraizados na tradição hindu e a cultura portuguesa travada durante 450 anos.

Palavras-chave: Arquitectura Indo-Portuguesa / Casa Sobrado / Casa Pátio / Salsete / Cristianismo / Brâmanes E Chardós.

Abstract: The present work consists in the Indo-Portuguese architecture residences investigation, circumscribed to Salsete's taluka in Goa, India. The focus of the research is an inventory by us defined which include sixty nine visited Christian houses, sixteen of these being townhouses and fifty three being patio homes. The Indo-Portuguese houses, the object of this study, relate to a period between the end of the seventeenth century and the nineteenth century, owned by the local elite, Brahmins and Chards converted to Christianity.

Focused on highlighting the interconnecting aesthetics influences between the Hindu tradition's based customs and the Portuguese culture held for 450 years.

Keywords: Indo-Portuguese Architecture / Townhouse / Patio Home / Goa / Salsete / Christianity / Brahmins And Chards.

¹ Mestre em História da Arte. O presente trabalho é um resumo da tese mestrado defendida na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e foi orientador científico o Professor Doutor Manuel Joaquim Moreira da Rocha

1. Introdução

Este tema retrata as residências de arquitetura indo-portuguesa, edificadas entre o século XVII e o século XIX tendo como proprietários os Brâmanes e os Chardós, os quais difundem nas suas casas, influências estéticas portuguesas em associação com a tradição hindu, expressando a convivência travada. Estas casas encontram-se dispersas por Goa, contudo, optamos por circunscrever a nossa investigação à *taluka*² de Salsete em Goa, na Índia, localidade que faz parte das regiões das Velhas Conquistas, tendo sido adquirida em 1543, compreendendo cidades e várias aldeias, destacando-se Margão, a cidade sede do distrito de Goa Sul, onde estão situados alguns monumentos antigos, e várias casas apalaçadas de estilo colonial.

Estas casas são, normalmente, propriedade da mesma família durante várias gerações, no entanto, deparamo-nos com algumas dificuldades, por não existirem documentos que nos indiquem quem foram os autores dos projetos e também por não existirem provas que nos forneçam as datas concretas dessas construções, assim, limitamo-nos aos dados fornecidos pelas famílias, proprietários dessas casas.

O objetivo do nosso estudo são as casas indo-portuguesas, pelo que focamos a nossa investigação na contextualização e na divulgação de um conjunto de casas cristãs de Salsete, com um interesse particular para as áreas disciplinares da História da Arte e da Arquitetura, cujos proprietários são os brâmanes e os chardós convertidos ao catolicismo. Focamos duas tipologias de arquitetura doméstica, a casa pátio e a casa sobrado e pretendemos, acima de tudo, analisar os aspetos similares e divergentes entre a casa cristã das elites de Salsete e a casa nobre portuguesa.

Visitámos um conjunto de sessenta e nove casas cristãs, entre Março e Abril do ano 2011, com permanência em Goa, na Índia, sendo este o universo da nossa pesquisa. Tivemos contacto com sessenta e seis famílias cristãs proprietárias e por vezes, com representantes dessas famílias e apuramos um conjunto de dezasseis casas sobrado, e cinquenta e três casas pátio.

² Taluka – Áreas administrativas dentro de um Estado da União Indiana, correspondendo a concelhos. Em Goa existem 11 talukas, sendo, Perném, Bardez, Bicholim, Satari, Tiswadi, Mormugão, Pondá, Sanguém, Salsete, Quepém e Canácona.

Pedimos autorização para reunir alguns dados de identificação das casas e das famílias e preenchemos uma ficha, relativa a dados exteriores e interiores das habitações que designámos de “*Inquérito ao Edificado*”. Solicitamos também permissão para fotografar o interior, nomeadamente o oratório, o salão da casa e o pátio, do qual obtivemos licença na grande maioria das residências. Debruçamo-nos no estudo da arquitetura doméstica, mais precisamente na caracterização das casas cristãs que visitamos durante a nossa permanência em Goa e detivemo-nos na sua análise e no cruzamento com as casas nobres portuguesas.

2. Caracterização do espaço e das pessoas: Presença Portuguesa em Goa

Afonso de Albuquerque conquistou Goa em 1510, o primeiro governador da Índia, transformou-a na capital do império português no Oriente, detendo o poder de toda a costa indiana. Goa foi eleita a capital do Estado da Índia³ em 1530, pelo seu cunho geográfico, e pelas virtualidades militares, económicas e políticas, a cidade estabeleceu-se e prosperou a norte, na margem esquerda do Mandovi, por ser o estuário com melhores características defensivas. Relevante no aspeto político-administrativo e religioso, pois acolhia as sedes das congregações religiosas, também era a sede do governo a residência do vice-rei ou governador e de um grande número de altos cargos gerais e a habitação do bispo.

Goa ficou conhecida por Goa Dourada e por Roma do Oriente⁴, devido ao património arquitetónico presente nas magníficas igrejas e palácios que são o testemunho do grande brilho alcançado durante a permanência dos portugueses no Oriente, também pelo facto de em Goa estarem sediadas grandes congregações a partir de 1517⁵.

³ «A expressão “Estado da Índia” designava no século XVI, não um espaço geograficamente bem definido mas um conjunto de territórios, estabelecimentos, bens, pessoas e interesses administrados, geridos ou tutelados pela Coroa portuguesa no Oceano Índico e mares adjacentes ou nos territórios ribeirinhos, do cabo da Boa Esperança ao Japão». COSTA, João Paulo Oliveira e – *O Império Português do Oriente*. 1.ª edição. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997. p. 27.

⁴ «Goa foi a verdadeira Roma do Oriente, já que na Europa, por razões idênticas, foi a Cidade Eterna que ditou as modas estáticas, durante tantos e tantos séculos». DIAS, Pedro – *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822). O Espaço do Índico*. Lisboa, 1998. p. 10.

⁵ SALDANHA, M. J. Gabriel de – *História de Goa – Política e Arqueológica* – volume II, História Arqueológica – Casa Editora – Livraria Coelho, Nova Goa, 1926. p. 2.

A Velha Goa era considerada uma cidade idêntica a qualquer cidade indiana, diferenciando-se apenas na Rua Direita, com muitos edifícios grandiosos de carácter religioso de raiz portuguesa, sobressaindo as igrejas, também se distinguindo os palácios, os edifícios civis e os recolhimentos do século XVII que dominavam em Goa. O abandono da Velha Goa deu-se nos fins da primeira metade do século XVII⁶, os nobres e os governantes permutaram a Rua Direita e a Praça do Sabaio pelas imediações, como Ribandar, Panelim, e até Panjim ou até um pouco mais afastado, o motivo fundamental da saída da elite, excluindo o clero, está relacionado com o fornecimento de água impura provocada por uma política ineficaz de saneamento o que provocava o surgimento da cólera e a malária endémica⁷ dizimando a população e tornando a urbe pouco aprazível.

O Conde de Alvor⁸ alterou as instalações do governo para Mormugão, com a ideia de aí iniciar a nova capital, contudo este plano não pôde ser concretizado por ordem de Portugal. A ida definitiva do vice-rei para Panjim, deu-se no século XVIII, tornando-a oficialmente a capital, no ano de 1843. A Velha Goa ficou em ruínas, cercada por uma floresta que ia devastando as grandiosas igrejas, ficando quase exclusivamente habitada pelas ordens religiosas.

A população de Goa era composta pelos reinóis⁹, pelos estrangeiros¹⁰ pelos mouros e pelos naturais, estes últimos que também eram denominados de

⁶ DIAS, Pedro – *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822)*. O Espaço do Índico. Lisboa, 1998. p. 49.

⁷ PEARSON, M. N. – *Os Portugueses na Índia*. Editorial Teorema, Lda., 1987. p. 159.

⁸ O Conde de Alvor e também 3º Marquês de Távora, Francisco de Assis e Távora foi nomeado em 1750 pelo Rei D. João V, como o 45º Vice-Rei da Índia, sucedendo no cargo a D. Pedro Miguel de Almeida Portugal, 1º Marquês de Alorna. MORAIS, Carlos Alexandre - *Cronologia Geral da Índia Portuguesa – 1498-1962*. Macau, Edições ICM, Instituto Rainha D. Leonor, 1993.

⁹ «...“conhecidos pelos portugueses de Portugal”...». Uma das vias escolhidas pelos filhos segundos ou bastardos dos nobres portugueses, seria seguirem viagem para o Oriente, em sequência, do regime de morgadio. Pelo facto de serem nobres abria-se-lhes o caminho, sendo referenciados como os heróis das crónicas portuguesas na Ásia. Tinham na Índia a possibilidade de seguirem a carreira administrativo-militar e outras fases análogas, podendo percorrer o cargo de capitão de navio a capitão de armada e de fortaleza, e por vezes surgia a oportunidade de serem nomeados ao cargo de vice-rei. Durante o tempo que permaneciam na Índia, adotavam a atitude de quem estava de passagem, contudo, nem sempre tal sucedia, até porque, por vezes acabavam por ficar a viver em Goa, outras vezes morriam durante este percurso. AAVV. – *Os Espaços de um Império- estudos. Ciclo de Exposições, Memórias do Oriente*. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Porto, 1999. pp. 60-61.

¹⁰ O grupo dos estrangeiros era constituído pela «...população oriunda de outras partes da Ásia ou até da Europa, [...] que, com permissão residia na cidade de Goa existia um “número infinito” de escravos oriundos das diversas regiões da Ásia, mas também da África, sobretudo da Oriental, vindos de Moçambique». CUNHA, Mafalda Soares da Cunha; MATOS, Artur Teodoro de; AAVV. – *Os Espaços de um Império. Ciclo de Exposições, Memórias do Oriente...* p. 61.

canarins e estavam divididos em castas. Casta¹¹, é uma expressão cunhada pelos portugueses para designar as diferentes divisões das famílias da Índia. Durante a vida o indivíduo permanece ligado à casta onde nasceu, sem qualquer hipótese de mudança, sendo o nascimento a condição para se definir uma dada posição. A sociedade das castas é marcada por uma forte rigidez na hierarquia social, baseada na hereditariedade de cada indivíduo. O filho teria a mesma profissão do pai e estão confinados a casarem-se com pessoas da mesma casta. Há quatro castas principais, os Brâmanes, os Chardós¹², os Vaixias e os Sudras. Os brâmanes assumiam a função de sacerdotes, chefes religiosos, intelectuais e estudiosos. Os chardós desempenham funções de chefia na política e na defesa militar sendo sobretudo uma classe de guerreiros. Os vaixias são nomeadamente os comerciantes os agricultores e os artesãos, por sua vez os sudras compõem a grande maioria sendo a grande falange dos servidores. Há um outro grupo, formado por um grande número de pessoas, que estão abaixo de todos os outros, sendo desprezados, e sem poder integrar qualquer casta, são designados de “intocáveis”¹³ dalits ou pátrias.

Os brâmanes eram eficazes, e conhecedores da realidade local e os seus serviços possibilitavam o bom funcionamento do Estado Português da Índia, daí que eram claramente favorecidos pelos oficiais portugueses¹⁴. Com o surgimento da Reforma Católica constatou-se um acréscimo de imposições que levavam à conversão do catolicismo, baseada numa maior intolerância em reconhecer outros modelos de culturas, através do alvará régio em 1532, dava-se proteção aos

¹¹ Expressão casta em vez de varnas ou jāti «Casta é um termo que os portugueses introduziram e foi depois geralmente adoptado para designar as diferentes divisões de famílias na Índia. Eram primitivamente quatro». SALDANHA, M. J. Gabriel de – *História de Goa – Política e Arqueológica*. Volume I... p. 2.

¹² «Os Chardós tenderam a ser caracterizados como kshatriyas convertidos ao catolicismo. Pissurlencar afirma que chardó derivaria de tchaddó da língua concani, o que a definiria como uma casta associada a atividades guerreiras; reconhece que estudiosos associaram o vocábulo chardó ao sânscrito kshatriya, porém, Pissurlencar afirma que esta palavra originou a palavra khetri (em concani e marata) e não tchaddó » [...]. «Segundo Mariano Feio, os kshatriyas em Goa foram maratas descendentes de oficiais “nobres” ou descendentes de soldados (chamados de cunibi-maratas)». FARIA, Patricia Souza de - *Guerreiros e sacerdotes a serviço d’El Rei: as castas na escrita do clero nativo da Índia Portuguesa (século XVIII)*. p. 11.

¹³ «Havia na Índia um número infundável destes desafortunados sem casta, que preenchiam as tarefas mais humildes e nojentas, que todos os outros recusavam fazer». ARAÚJO, Maria Benedita de Almeida – *Campanhas da Índia – Sofala, Goa e Malaca 1501-1600* Matosinhos. Ed. Quidnovi, 2006. p. 90.

¹⁴ «Numerosos oficiais portugueses colocavam-se do seu lado, afirmando que consideravam impossível gerir os negócios públicos e arrecadar as rendas da alfândega sem auxiliares preciosos, pois “os cristãos eram muyto fracos e poucos”». ARAÚJO, Maria Benedita de Almeida – *Campanhas da Índia – Sofala, Goa e Malaca 1501-1600* ... p. 88.

convertidos oficializando o cargo de “*Peter christianorum*”¹⁵, por outro lado, os canarins perseguiram aqueles que se haviam tornado cristãos. Apesar de muitas decisões serem mal acolhidas pelas castas mais altas da sociedade goesa que por vezes, ameaçaram abandonar a cidade, muitas delas, acabaram por se converter ao cristianismo, como forma de não perderem os seus privilégios. A conversão das famílias autóctones, levava a que se adotasse um nome cristão “*e dos das famílias do reino*”¹⁶, também o desempenho de determinados cargos públicos originaram algumas mudanças, passando mesmo pelo vestuário e alimentação. No século XVII foram concedidos títulos às famílias autóctones, como o de Cavaleiro Fidalgo e Carta de Armas, a partir de meados do século XVIII são atribuídos mais títulos às famílias autóctones convertidas ao Cristianismo, como o de Cavaleiro da Ordem de S. Tiago da Espada, Escudeiro-Fidalgo e as mercês de Brasão de Armas, além de serem colocados em altos cargos da administração.

Afonso de Albuquerque, durante o seu governo de 1509-1515, de seis anos, promoveu os casamentos interculturais, obrigando à atribuição de um dote pela parte da Fazenda Real aos oficiais e soldados portugueses que se dispusessem a contrair matrimónio com mulheres Indianas locais “*alvas e de bom parecer*”¹⁷. Os portugueses relacionavam-se com as diferentes castas, sem fazerem grandes distinções, convivendo com os “intocáveis”, ficando assim, aos olhos das castas mais altas, “impuros” e também “intocáveis”, apreciavam qualquer mulher indiana sem dar ênfase à casta de proveniência, por sua vez os brâmanes e os chardós, não aceitavam os laços consanguíneos pretendendo a continuidade da pureza do sistema de castas, indeferindo qualquer ligação, daí que quando os nobres portugueses se aproximavam destas castas superiores, eram excluídos pelos parentes de contraírem casamento com estas mulheres, contudo esta elite goesa não deixou de absorver a cultura portuguesa.

Se os portugueses casavam entre si, os filhos eram designados de “castiços”¹⁸, se tivessem filhos de naturais teriam o nome de “mestiços”¹⁹, este

¹⁵ ARAÚJO, Maria Benedita de Almeida – “*Campanhas da Índia – Sofala, Goa e Malaca 1501-1600*” Matosinhos. Ed. Quidnovi, 2006. p. 87.

¹⁶ BRITO, Joaquim Pais de; PEREZ, Rosa Maria; SARDO, Susana – *Histórias de Goa*. Fundação Oriente, Lisboa, 1997. p. 88.

¹⁷ ARAÚJO, Maria Benedita de Almeida – “*Campanhas da Índia – Sofala, Goa e Malaca 1501-1600*” ... p.6.

¹⁸ AAVV. – *Os Espaços de um Império. Ciclo de Exposições, Memórias do Oriente...* p. 60.

grupo é muito relevante, no sentido em que rivalizava com os brâmanes. Segundo Linschoten²⁰ os descendentes quando chegavam ao terceiro grau, já tinham feições de indianos.

3. Primeiras Construções Habitacionais dos Portugueses em Goa

Os portugueses quando chegaram a Goa adotaram, para habitar, construções já existentes²¹ e só mais tarde construíram as suas próprias casas. De início os nobres, pela circunstância de serem em número reduzido e estarem temporariamente em Goa no desempenho de cargos determinados pela Coroa, não tinham necessidade de construir casas de raiz, viviam dentro das fortalezas²². As primeiras construções de residências portuguesas devem a sua origem a Afonso de Albuquerque, através da sua política de casamentos mistos, assim, os *casados* tiveram necessidade de se fixarem e terem a sua própria residência.

As primeiras grandes casas, quintas de recreio e palácios construídas ao longo do Mandovi denunciavam a época esplendorosa dos portugueses, através de um conjunto arquitetónico de grandiosa notoriedade. Na primeira metade do século XVII²³ os nobres portugueses, proprietários das grandiosas casas e palácios, em virtude das pestes e da crise económica que assolaram Velha Goa, foram abandonando-as, hoje apenas existem alguns raros exemplos mais tardios, contudo, permanecem as descrições dos viajantes e historiadores e também alguns testemunhos gráficos, como os de Huyghen Van Linschoten, Lopes Mendes²⁴, a coleção de Alpoim Galvão e as fotografias do século XIX de Paul and Sousa.

¹⁹ IDEM-*Ibidem*, p. 60.

²⁰ De origem holandesa, viveu em Goa de 1583 a 1588, tendo sido secretário particular do arcebispo D. Vicente da Fonseca. Através do contacto diário que estabeleceu em Goa com os portugueses e os autóctones, recolheu diversas informações e gravuras, as quais expôs na sua obra, o *Itinerário*, publicado em Amesterdão em 1596. Também constam 36 gravuras coloridas que faziam parte da versão original presente na Biblioteca Real de Haia e no Museu Marítimo em Roterdão. LINSCHOTEN, Jan Huyghen Van – *Itinerário, Viagem ou navegação de ...* (1ª edição 1596), edição de Arie Pos & Rui Loureiro. Lisboa, 1997.

²¹ DIAS, Pedro – *Arte de Portugal no Mundo - Índia – Arquitectura Civil e Religiosa*. 1ª edição, Editor Publico, 2009. p. 48.

²² DIAS, Pedro – *Arte de Portugal no Mundo; Índia – Arquitectura Civil e Religiosa...*p. 48.

²³ DIAS, Pedro – *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822). O Espaço do Índico*. Lisboa, 1998. p. 49.

²⁴ Lopes Mendes esteve na Índia Portuguesa durante nove anos, tendo desempenhado cargos ao serviço do conselheiro Mendes Leal, então ministro e secretário de estado dos negócios da marinha e ultramar de várias comissões oficiais. Durante o período de horas livres recolheu informação que expôs numa edição de dois volumes, movido pelo desejo de ser útil ao país que para além da escrita perpetua através dos desenhos que delineou dos monumentos que

As casas que iremos analisar inserem-se num período²⁵ compreendido entre o final do século XVII até ao final do século XIX, limitado à *taluka* de Salsete, cujos proprietários são os brâmanes e os chardós convertidos ao catolicismo. Focamos duas tipologias de arquitetura doméstica, a casa pátio e a casa sobrado.

4. A Arquitectura Doméstica dos Cristãos da *Taluka* de Salsete - Goa

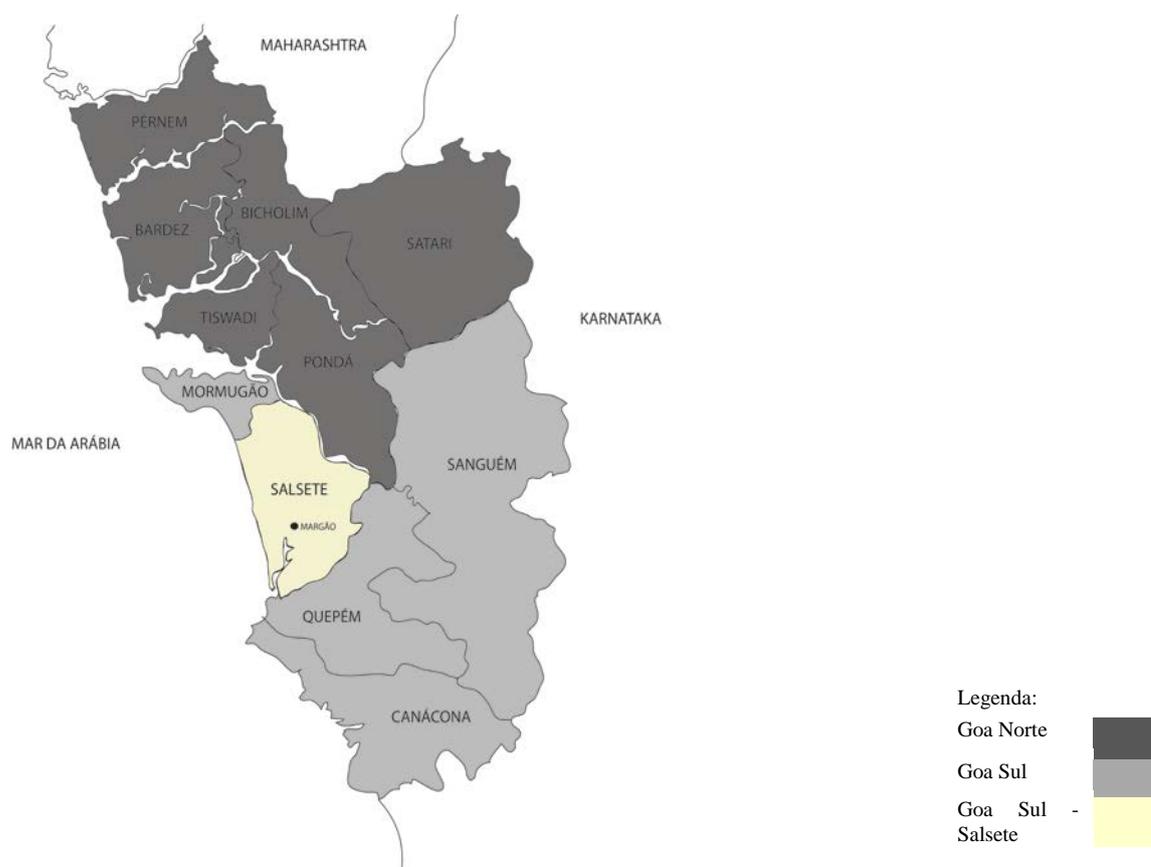
As grandes ordens religiosas ficaram sediadas em Goa, a província de Bardez ficou reservada aos Franciscanos, e na província de Salsete ficaram estabelecidos os Jesuítas²⁶, que procederam à construção de grandes edificações com mão-de-obra local. Salsete faz parte das regiões das Velhas Conquista, foi adquirida em 1543 compreende cidades e várias aldeias, destacando-se nesta *taluka* Assolnã, Betalbatim, Calata, Cansaulim, Carmonã, Chandor, Chicalim, Chinchinim, Curtorim, Benaulim, Coelim, Colvã, Cortalim, Cuncolim, Curtorim, Guirdolim, Loutulim, Majordã, Margão, Mormugão, Nagoá, Navelim, Orlim, Rachol, S. Tomé São, Saneale, Seraulim, Utordá, Varcã, Velsão e Vernã. A cidade de Margão²⁷ é considerada a segunda maior de Goa, a sede do distrito de Goa Sul, valorizada pelo seu centro administrativo e económico e um importante entreposto comercial, direcionado ao escoamento dos produtos pesqueiros e agrícolas, contribuindo para esse efeito a estação ferroviária a 2 km de Margão.

considerou serem gloriosos e que testemunhavam a grande eloquência dos portugueses na Índia e que naquela altura estavam em ruínas. MENDES, Lopes – *A Índia Portuguesa*. Lisboa, Volume I. Fundação Oriente, 1992. p. 175.

²⁵ Conforme a classificação de Helder Carita que identifica dois ciclos na arquitetura civil Indo-portuguesa, o primeiro ciclo, relativo às construções das residências por parte dos colonos portugueses, a que designa arquitetura colonial e o segundo ciclo, relativo às construções de habitações por parte das famílias autóctones, brâmanes e chardós a qual designa de arquitetura indo-portuguesa. Apesar de considerar que ambos os ciclos são indo-portugueses, não deixa de frisar que o são, mas com ênfases diferentes. CARITA, Hélder – *Palácios de Goa – Modelos e Tipologias de Arquitectura Civil Indo-Portuguesa*. Livros Quetzal S.A., Lisboa, 1995. pp. 11-13.

²⁶ «A península de Salsete pertenceu aos jesuítas, que em 1553 entraram em Cortalim, onde o Pe. Pêro Mascarenhas celebrou pela primeira vez, a 1 de Maio desse ano, o santo sacrifício da missa, dedicando-a à conversão de Salsete [...]».SALDANHA, M. J. Gabriel de – *História de Goa – Política e Arqueológica*. Volume II... p.31.

²⁷ «Margão é a capital da província, elevada por alvará de 12 de Junho de 1799, à categoria de vila, para onde foram transferidos de Rachol os estabelecimentos e repartições públicas». SALDANHA, M. J. Gabriel de – *História de Goa – Política e Arqueológica*. Volumes I e II, História Política, Casa Editora, Livraria Coelho, Nova Goa, 1925. p. 376.



Mapa 1
Goa, distinguindo as 11 *talukas*
Assinalada a *taluka* de Salsete e a sede do distrito de Goa Sul - Margão

A falta²⁸ de fontes documentais e monográficas relativas à *taluka* de Salsete, não possibilita determinar elementos precisos sobre o processo urbano, contudo, os modelos importados pelos jesuítas, terão sido submetidos e adaptados à vivência local, tendo em consideração o clima e a tradição urbana bastante sólida de vários séculos. Alguns padres Jesuítas tiveram uma formação de tradição arquitetónica, tendo estado ligados a grandes obras durante vários anos. Carita²⁹ sugere-nos que talvez tenha sido um padre o arquiteto da Casa Santana da Silva, referindo-se possivelmente a um dos três padres Jesuítas

²⁸ CARITA, Hélder – *Novos aldeamentos jesuítas na Índia nos finais do séc. XVI e inícios XVII - Ensaio, confrontos e mutações*. Colloque International – *Terrains Coloniaux – Architecture et Urbanisme*. Centre Culturel Calouste Gulbenkian, Paris, 2004. p.2.

²⁹ «Se na altura da construção do palácio os Padres da Companhia já tinham sido expulsos de Goa, é natural que tenham deixado uma escola capaz de articular os pressupostos culturais da tradição goesa num projecto de inequívoca qualidade estética» Na opinião de Hélder Carita o arquiteto da Casa Santana da Silva revela um apurado conhecimento de arquitetura religiosa, perceptível pelo efeito de luminosidade criado através de duas janelas atrás do altar na capela. CARITA, Hélder – *Palácios de Goa – Modelos e Tipologias de Arquitectura Civil Indo-Portuguesa...* pp. 126-127.

nomeados sucessivamente, sendo o Padre Theotónio de Rebello, o Padre Ignácio de Almeida e o Padre Manuel Carvalho.

Constatamos que na *taluka* de Salsete existe um maior número de residências sobradadas, propriedade das elites de Goa que se encontram em bom estado de conservação. Aferimos que o maior número de casas sobrado se concentra em Margão, a sede do distrito de Goa Sul, estando normalmente acessíveis, sem muro, à face da rua, ou, por vezes, surgem com um pequeno muro a separar a casa da via pública. Fora do grande centro, esta tipologia apresenta-se com um jardim murado e por vezes com um portão a separar o acesso à casa. Apuramos que o mesmo se passa com a tipologia casa-pátio, encontram no centro de Margão, com maior regularidade à face da rua sem qualquer vedação e em menor escala encontramos aí casas-pátio com um pequeno muro a separar a via privada da via pública. Já nas pequenas cidades, vilas e aldeias do concelho de Salsete, encontramos com mais frequência os jardins, limitados por muros e portais a anteceder a entrada na casa, esses muros são de alvenaria³⁰ apresentam-se muitas vezes caiados de branco e para além da sua função de limitar o espaço privado da residência, os muros são normalmente baixos e ornamentados com balaústres denotando uma expressão decorativa no seu tratamento apresentando pequenas colunas ou pilares, também encontramos os motivos geométricos e estruturas vazadas. Nas extremidades surgem colunas ornamentadas com volutas, folhas de acanto, pináculos, pirâmides e outros motivos vegetalistas e ainda o recurso decorativo dos animais guardiões³¹. Ao centro, apresentam-se os portões, normalmente baixos em ferro fundido.

5. A Caracterização Morfológica das Casas

³⁰ “[...] muros de alvenaria caiados de branco asseguravam a geometria dos quarteirões e a coerência formal das morfologias urbanas. [...] Em termos de materiais de construção, a região de Goa não dispunha de pedra de boa qualidade. Esta falta é superada pela utilização de adobes tradicionais e uma pedra porosa e leve: a laterite. Os adobes eram utilizados nas construções mais populares, sendo os edifícios mais eruditos de laterite”. AAVV. – *Os Espaços de um Império. Ciclo de Exposições, Memórias do Oriente...* p. 85.

³¹ “[...] símbolos, como o boi-viril, a cobra-fértil, o crocodilo, o leão, o cavalo, a vaca, a águia, ou mesmo desenhos geométricos, mais para o final do império, constituem parte da gramática decorativa da arte deste reino”. SILVEIRA, Ângelo Costa – *A casa pátio de Goa*. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, ISBN: 972-9483-36-1, 1999. p. 77.



Fig. 1 - Casa Aureleano Miranda em Margão |
tipologia: Casa Sobrado

Fig. 2 - Casa Figueiredo em Loutolim |
tipologia: Casa Pátio

As casas construídas pelas famílias autóctones, brâmanes e chardós convertidas ao cristianismo apresentam duas tipologias, a casa pátio e a casa sobrado, sendo naturalmente reconhecidas, pela arquitetura da fachada principal, onde se desenvolve a organização dos componentes construtivos e ornamentais. Manuel Joaquim Moreira da Rocha, refere a propósito da fisionomia da arquitetura habitacional como “*um espaço de representação de valores, princípios, formas de estar e agir, de pensamentos e ideologias, das pessoas em função das quais foi produzida (...) é um reflexo da personalidade dos seus proprietários frente aos visitantes*”³². Destacamos as particularidades decorativas patentes nas fachadas destas casas, enaltecidas pelos várias tipos de janelas, e enobrecidas pelos alpendres, escadarias, gradeamentos, guardas de varanda, pilastras e colunas. A fachada das casas pátio apresentam-se com um único piso sendo na sua grande maioria de composição simétrica e com uma organização tripartida, enquanto que, as casas sobrado são constituídas por um andar térreo e um primeiro andar, compostas usualmente por um grande corpo retangular. As casas das elites cristãs de Goa têm na maioria das vezes a fachada virada a norte, nordeste ou noroeste, verificamos que nestas casas sobressaem os volumes horizontais, sendo no frontispício que permanece a maior intensidade decorativa e os restantes alçados (laterais e posterior) apresentam-se mais austeros.

³² ROCHA, Manuel Moreira da – *A Memória de um Mosteiro – Santa Maria de Arouca (Séculos XVII-XX) Das Construções e das Reconstruções*. Biblioteca das Ciências Sociais, Edições Afrontamento, 2011. p. 287.

5.1. Alpendres

O alpendre centraliza a atenção decorativa das fachadas das casas pátio. Em Goa, este elemento é geralmente referenciado como balcão. O alpendre caracteriza-se por ter colunas ou pilares e de ser acessível através de uma escadaria. Deparamos que na arquitetura doméstica da tipologia casa pátio cristã de Salsete a grande maioria, possui largas escadarias, concedendo movimento à fachada. Os planos laterais, podem ser completamente abertos, ou então, poderão ter janelas de carepas³³, que poderiam ser abertas durante o tempo quente como refrescamento do ar e apreciação da paisagem e fechadas durante a época das chuvas. Possuem um pavimento de betonilha. Verificamos que nos alpendres, apesar do calor de Verão se fazer sentir intensamente, estes espaços mantêm-se frescos, beneficiados pelas técnicas construtivas, caracterizados por terem tetos muito altos, os quais, por vezes, formam aberturas decoradas³⁴ que deixam passar o ar quente, permitindo a refrigeração do ar. Os alpendres normalmente possuem um telhado de forte inclinação de quatro águas erguendo-se muitas vezes acima da cumeeira da casa. A sua cobertura encontra-se encostada ao edifício principal, dando a impressão de ser independente. Constatamos que por vezes o alpendre foi posteriormente acrescentado à casa. Os alpendres evitam a incidência da chuva durante as monções e por sua vez garantem a proteção solar durante os dias quentes, é um local de encontro de carácter familiar, sociável e comunitário, aprazível, e um lugar propício para colocar as conversas em dia, para o efeito se utilizavam os bancos corridos em alvenaria existentes nas áreas laterais.

Também as senhoras que passavam muito tempo dentro de casa, tinham a partir do alpendre a possibilidade de presenciarem o que se passava na rua. A utilização do alpendre também surge ligada aos ensaios do fim de tarde das práticas musicais do mandó.

³³ Veja-se Figuras 3, 4 e 5.

³⁴ Trata-se de tectos de madeira decorados com pequenas e várias aberturas (grelhas de respiração) formando desenhos bem elaborados com a intenção de deixar passar o ar quente e tornar o ambiente da casa mais fresco. Este tipo de tectos encontra-se no interior das casas.



Fig. 3 - Alpendre da Casa Loyola Furtado em Chinchinim | tipologia: Casa Pátio



Fig. 4 - Alpendre da Casa dos Colaço em Margão | tipologia: Casa Pátio



Fig. 5 - Alpendre da Casa Gracias em Loutolim | tipologia: Casa Pátio

Em consonância com a marcada rigidez na hierarquia social do sistema das castas, os brâmanes e os chardós mantinham um distanciamento das castas mais baixas não consentindo a sua entrada dentro de casa, contudo, poderiam aceder ao alpendre, considerado como uma sala no exterior da residência³⁵. Apesar do alpendre já ter sido introduzido no século XVII, foi mais utilizado a partir do final do século XVIII³⁶ sendo destacado na casa pátio cristã, passando a ser reconhecido com “*carácter de distinção*”³⁷ e ligado a um valor simbólico e da importância da família, não sendo assim possível o assentimento a todas as castas.

5.2. Janelas

As casas ancestrais dos hindus de Goa não apresentavam varandas viradas para o exterior, sendo assim, o horizonte não era manifestado para o exterior, mas exposto para os pátios interiores das suas habitações, enquanto que, nas casas pátio cristãs as varandas são uma componente integrante da sua arquitectura, apropriada ao modo de vida. As janelas de sacada à face em Salsete são protegidas pelo beirado³⁸, exigindo uma aplicação de soluções que mais pudessem garantir a sombra durante os dias de Verão e evitasse a chuva direta durante as monções, assim surgiram as chapas metálicas onduladas.

³⁵ CARITA, Hélder – *Palácios de Goa – Modelos e Tipologias de Arquitectura Civil Indo-Portuguesa...* pp. 166- 170.

³⁶ CARITA, Hélder – *Palácios de Goa – Modelos e Tipologias de Arquitectura Civil Indo-Portuguesa...* p. 170.

³⁷ SILVEIRA, Ângelo Costa – *A casa pátio de Goa...* p. 278.

³⁸ SILVEIRA, Ângelo Costa – *A casa pátio de Goa...*p. 281.

Encontramos em Salsete vários exemplos de casas sobrado que apresentam janelas de peitoril no piso térreo e expõem janelas de sacada no primeiro piso. As janelas afiguram-se de diversas formas, de estrutura retilínea ou de verga reta, ortogonais simples, com arcos de volta perfeita, com arcos abatidos, com arcos trilobados, com arcos quebrados e arcos contracurvados envoltos de molduras, com correspondência nos vãos. A estrutura dos vãos, a soleira, as ombreiras e a padieira são de madeira, assim como o caixilho.



Fig. 6 - Janela de carepas do alpendre | Casa José Filipe Abranches em Vernã | tipologia: Casa Pátio

Fig. 7 - Janela de sacada com carepas | Casa Paulito Meneses em Curtorim | tipologia: Casa Pátio

Fig. 8 - Janela de peitoril com carepas | Casa dos Bragança em Chandor | tipologia: Casa Sobrado

Emergiram as varandas autónomas, estreitas e corridas apoiadas em mísulas ou sobre um elemento corrido, as quais detinham um grande efeito decorativo, tendo mais tarde sido alargadas, passando a apresentar os telhados autónomos. As janelas viradas para o exterior, passam a ser comuns nas casas cristãs de Goa, tornando-se ornamentadas. Antes do vidro³⁹ se tornar acessível em Goa, recorria-se ao uso de carepas⁴⁰ nas janelas, tendo sido largamente utilizado, para além da função de protegerem os ambientes da imensa luz, o

³⁹ Embora o vidro estivesse disponível em outras partes do mundo a partir do século XVI, só em meados do século XIX é que se tornou disponível em Goa. O vidro teve um desenvolvimento de grande impacto no desenho das casas de Goa (sendo no princípio muito fino e cinzento). PANDIT, Heta; MASCARENHAS, Annabel – *Houses of Goa. Architecture Autonomous, India*, 2006. p. 83.

⁴⁰ «...as carepas (madrepérola) que cortadas à dimensão média de 60 mm x 50 mm eram enfiadas em escama entre réguas de madeira que compunham o caixilho... De manutenção difícil a substituição de uma peça é sempre dificultada pela necessidade de remover todas as que a antecedem». SILVEIRA, Ângelo Costa – *A casa pátio de Goa...* p. 181.

próprio processo de disposição das carepas em *escama*⁴¹, levava a uma livre movimentação de ar, entre o interior e o exterior, também permitiam trespassar uma luminosidade translúcida, possibilitando uma atmosfera suave, esta ambiência proporcionava às senhoras a oportunidade de observarem o exterior sem serem vistas da rua. Hoje a maioria das casas possui janelas de vidro, por vezes encontramos a utilização do vidro de cor.

As varandas a partir do século XVIII⁴² passam a ser os espaços preferidos das senhoras, sem a preocupação antiga de se resguardarem, as carepas tendem a desaparecer e o teor decorativo passa a aglomerar-se nos gradeamentos das varandas e nos prumos de sustentação dos telheiros.

A arquitetura civil dos séculos XVIII e XIX⁴³, alcança um novo gosto, liberto de condicionalismos da legislação camarária⁴⁴, levado a cabo por uma nova tendência para a manifestação do luxo por parte das famílias autóctones privilegiadas, facultando soluções mais apropriadas às condições climatéricas da Índia.

⁴¹ CARITA, Hélder – *Palácios de Goa – Modelos e Tipologias de Arquitectura Civil Indo-Portuguesa...* p. 118.

⁴² CARITA, Hélder – *Palácios de Goa – Modelos e Tipologias de Arquitectura Civil Indo-Portuguesa...* p. 162.

⁴³ AAVV. – *Os Espaços de um Império. Ciclo de Exposições, Memórias do Oriente...* p. 87.

⁴⁴ “Estas tipologias de varanda, particularmente importantes na formação de um modelo de casa indo-portuguesa, apresentam utilizações diferentes em termos de arquitectura urbana e arquitectura suburbana e rural. A legislação urbana que proibia a abertura de arcarias e balcões, dificultava a utilização destas varandas nas áreas submetidas à sua regulamentação. O seu uso era limitado às fachadas laterais ou aos pátios, como verificamos no Palácio-Fortaleza dos Vice-reis ou dos Arcebispos. Nas áreas suburbanas e rurais a arquitectura civil adquire uma nova independência relativamente às normas de legislação urbana (...) O modelo de funcionamento do Senado da Câmara de Goa é enviado para a Índia, logo em 1517, com o mesmo regimento do da cidade de Lisboa. Goa é assim equiparada a Lisboa como capital do Estado da Índia, sendo dotada de uma legislação com as mesmas posturas desta cidade”.-AAVV. – *Os Espaços de um Império. Ciclo de Exposições, Memórias do Oriente...* p. 84.

5.3. Elementos que Nobilitam a Fachada



Fig. 8 - Casa Santana da Silva em Margão | tipologia: Casa Sobrado

Fig. 9 - Casa Lar Soter da Gama em Nagoá (Vernã) | tipologia: Casa Pátio

Fig. 10 - Casa dos Braganças em Chandor | tipologia: Casa Sobrado

No universo de casas por nós selecionado na *taluka* de Salsete, verificamos que não é comum encontrarmos frontões a encimar as janelas, contudo, vemos na Casa Santana da Silva⁴⁵ em Margão, frontões ondulados ao longo de cada janela de sacada individual e que se repetem continuamente com a mesma decoração, ao centro encontramos uma flor-de-lis e de cada lado dessa composição observamos duas volutas. Também a Casa Lar Soter da Gama⁴⁶ em Nagoá Vernã compreende frontões triangulares a encimar as janelas de peitoril, esta casa consta de duas alas correspondentes na extremidade do edifício tendo ao centro uma varanda recuada e corrida que compreende janelas de sacada e um alpendre. As alas desta casa são simétricas e cada composição é rematada por um frontão triangular contendo uma empena e um pináculo no vértice do telhado. A Casa dos Bragança⁴⁷ apresenta na entrada da casa a encimar o alpendre uma composição rematada por um frontão triangular contendo pináculos nas suas extremidades.

⁴⁵ Veja-se Figura 10.

⁴⁶ Veja-se Figura 11.

⁴⁷ Veja-se Figura 10.



Fig. 11 - Brasão da Casa dos Miranda em Loutolim | tipologia: Casa Sobrado

Fig. 12 - Brasão da Casa dos Braganças em Chandor | tipologia: Casa Sobrado

Fig. 13 - Brasão da Casa Álvares em Margão | tipologia: Casa Pátio

As portas na sua grande maioria caracterizam-se por não serem grandiosas, comparadas com os elementos decorativos das fachadas, sendo normalmente de verga recta ou de arco abatido ou mesmo trilobado, possuem molduras, regularmente a condizer com a delineação das janelas. As portas destacam-se sobretudo quando o brasão de armas da família é evidenciado na entrada da casa, conforme podemos confirmar na Casa dos Miranda⁴⁸ em Loutolim, na Casa Álvares⁴⁹ em Margão e na Casa dos Bragança⁵⁰, o brasão está patente na fachada principal da casa, entre duas janelas de sacada com varanda conjunta. Foram atribuídos vários títulos às elites autóctones convertidas ao Cristianismo pelos bons serviços prestados, entre os quais as mercês do Brasão de Armas, que rematavam a porta principal da casa, também surgem no seu interior, nas consideradas zonas nobres da casa, mais precisamente no salão da casa, a decorar os grandiosos espelhos ou as harmoniosas sanefas.

Presenciamos colunas, pilastra e pilares como apoio das edificações. As pilastras adossadas são uma constante nas duas tipologias de habitação por nós estudadas, apuramos normalmente a alternância de pilastras com janelas. No caso particular da tipologia casa sobrado, verificamos a aplicação de pilastras que dividem o edifício em várias secções. Realçamos a Casa Aureleano Miranda⁵¹ em

⁴⁸ Constâncio do Rosário e Miranda (antepassado de Mário Miranda, o actual dono da casa) recebeu no século XIX o título de Fidalgo-Cavaleiro da Casa Real e o Brasão de armas, o qual se apresenta a encimar na entrada principal da casa. Veja-se Figura 11.

⁴⁹ O Brasão encontra-se a encimar a porta principal da casa e também o encontramos no salão a encimar as portas, centralizado nas graciosas sanefas. Veja-se na Figura 13.

⁵⁰ Veja-se Figura 14

⁵¹ Veja-se Figura 1.

Margão, com uma fachada dividida em três sessões a qual aponta com grande destaque o centro da casa, através da acentuação de uma pilastra mais larga com outra sobreposta a ladear a entrada, com um prolongamento no friso emitindo um engrandecimento arquitetónico através da acentuação vertical.

A tipologia casa pátio apresenta pilastras e colunas, abrangendo vários estilos esculpido em blocos de laterite e cal de ostra e com elementos decorativos em estuque. As colunas surgem ligadas ao apoio do alpendre, sem sofrerem de uma influência concreta de um estilo em particular, contudo estão mais relacionadas com uma estética de inspiração coríntia, conforme podemos observar nos capitéis apresentando formas exóticas, com florões, flores de pétalas, folhas de acanto e outros motivos florais.

Quanto ao fuste, surgem-nos vários exemplares, alguns apresentam um desenho mais evidente com a influência de uma decoração de elementos vegetais e folhas de acanto, para marcação da base.

5.4. Oratórios e Capelas Privadas

O oratório e a capela privada fazem parte das casas das famílias autóctones cristãs, brâmanes e chardós de Salsete, aparecendo ligados a uma importante tradição religiosa dando lugar a um espaço particular de oração. As capelas surgem em menor número e usualmente junto às casas grandiosas, enquanto que os oratórios estão presentes em quase todas as residências que visitamos. Os oratórios são obras devocionais que se apresentam no espaço íntimo do quotidiano, destinado à oração individual, com uma utilização doméstica. Trata-se de pequenas estruturas de madeira⁵² trabalhada, que têm a finalidade de abrigar o santo ou os santos de devoção, cujas peças evocam a fé e a força das imagens na missão, as quais são reproduzidas em miniatura, estabelecendo uma ligação entre a pintura simples, policromada ou lacada. No interior dos oratórios as paredes do fundo são por vezes azuis claras e decoradas com estrelas pintadas, conforme podemos encontrar em Portugal, os santos

⁵² «[...] o uso sistemático de certas madeiras exóticas (a teca, o sissó, o ébano, e mesmo o cedro), as aplicações de metal ou o colorido vistoso dos lacados, a madrepérola e a tartaruga, faziam ressaltar o cunho oriental.». PINTO, Maria Helena Mendes – *Catálogo de Goa a Lisboa*. Lisboa: Europália, 1992. p. 15.

nessas paredes pousam nas peanhas⁵³. Encontram-se as pequenas imagens devocionais, esculpidas em marfim ou madeira⁵⁴ e policromadas. A imaginária luso-oriental, está ligada à produção artística missionária católica do Oriente aliada ao culto privado e público, podendo aparecer como escultura de relevo ou de vulto. Nos oratórios indo-portugueses está patente uma determinação ocidental, como o exemplo de temas ligados ao cristianismo partindo dos modelos portugueses continentais, em que se fundem elementos orientais a partir da execução dos artistas locais, aos quais designamos de luso-oriental⁵⁵ provavelmente convertidos e que colaboram para o carácter miscigenado, manifestado através dos componentes decorativos hindus. As famílias antes de se converterem ao cristianismo, celebravam o seu culto num dos topos do *vasary*⁵⁶, após a conversão, mantiveram a tradição de conservar o oratório no mesmo local que anteriormente era utilizado para as práticas hinduístas.

⁵³ «*Toda a peanha, de madeira entalhada, é extraordinária e revela uma concepção fortemente indianizada. [...]*» AAVV. – *Os Construtores do Oriente Português. Ciclo de Exposições, Memórias do Oriente*. Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, Porto, 1998. p. 323.

⁵⁴ «*[...] madeiras consideradas exóticas, como a teca, o sissó ou o ébano*». OSSWALD, Maria Cristina Trindade Guerreiro - *O Bom Pastor na imaginária Indo-Portuguesa em Marfim*. 1.º vol. Porto, 1996. p. 59.

⁵⁵ A designação de Luso-orientais deve-se à «*[...]existência no Oriente de fortes tradições culturais, as quais são representadas através de artesãos e encomendadores locais, porventura convertidos, tem grande importância nesta arte, contribuindo, assim, para o carácter próprio (...)*». OSSWALD, Maria Cristina Trindade Guerreiro - *O Bom Pastor na imaginária Indo-Portuguesa em Marfim...* p. 34.

⁵⁶ *Vasary* – Trata-se do espaço interior da casa, consistindo numa sala tradicional considerada a mais importante da casa hindu, com proporções e regras claras, três vezes mais comprida do que larga, estruturada com o hábito das refeições decorrerem numa longa fila. Era aqui que ficava localizado o altar. As características desta divisão permaneceram nas casas indo-portuguesas do século XVIII.



Fig. 14 - Oratório da Casa Monte da Silva em Margão | tipologia: Casa Sobrado



Fig. 15 - Oratório da Casa Vasco Figueiredo em Nagoã - Verná | tipologia: Casa Pátio

Das sessenta e nove casas que percorremos na *taluka* de Salsete, fazem parte do nosso inventário um total de cinquenta e um oratórios e cinco capelas. Sendo trinta oratórios de pousar, três de parede e dezoito oratórios-altar, assim designado por nós, por se encontrarem aliados a um altar, permanecendo, em alguns casos, num aposento próprio, desempenhando a função de capela⁵⁷, podendo ser utilizados como espaço de ritual litúrgico, conforme o exemplo do oratório-altar da Casa Santana da Silva, que obteve da parte do Papa um breve⁵⁸ que autorizou os batismos, os casamentos e os funerais, assim como aprovou a celebração de todos os sacramentos. Cinco capelas concebem uma edificação arquitetónica no exterior e no interior encontra-se a ornamentação inevitável a uma capela.

A imaginária anuncia o contacto travado entre o Cristianismo que os missionários levavam e o fundo religioso local pré-existente. A imaginária está ligada a três ciclos principais, sendo, o Ciclo Cristológico, o Ciclo Mariano e o

⁵⁷ Estes oratórios têm características de capelas, embora não apresentem qualquer estrutura arquitetónica no exterior.

⁵⁸ Esta informação foi-nos concedida por via oral pelo actual dono da casa, o Dr. Eurico Santana da Silva, no dia 29 de Março de 2011.

Ciclo Hagiológico, os quais surgem naturalmente nos oratórios e capelas que presenciamos.

Encontramos alguns exemplares com portas articuladas, como o oratório de parede da Casa Monte da Silva⁵⁹ que contêm duas portas e no seu interior estão patentes de forma simétrica, em cada volante dois registos e uma estampa. Uma das estampas é alusiva ao anjo da guarda e a outra é referente a São Luís Gonzaga, representando episódios da sua vida, “Vida e Martírio”.

Faz parte do nosso inventário um único oratório em forma de tríptico, conforme se pode verificar no oratório-altar da Casa Vasco Figueiredo, em Nagoá-Verná⁶⁰, apresentando-se o painel central com dois registos.

Dos oratórios que fazem parte da nossa investigação, detetamos que nem todos têm colunas, constatamos que na maioria das composições o fuste se manifesta canelado, encontramos aplicada a delimitação do terço inferior por um anel, embora não tenhamos encontrado colunas salomónicas ou berninianas. Verificamos que os fustes, estão da generalidade, decorados com flores e outros motivos vegetais, as colunas, estão na sua grande maioria encimadas por capitéis da ordem coríntia, de acordo com o gosto da Contra Reforma e com uma outra vertente vernacular, ao gosto dos encomendantes ou do próprio artista.

Encontramos várias peanhas a suportarem a escultura de vulto perfeito no interior dos pequenos oratórios, tratando-se de pequenos pedestais tratados com uma decoração meticulosa e pormenorizada, pela função a que se destinam. A forma da peanha é variada, desde a piramidal invertida, ao hexágono, ao polígono ou ao meio círculo.

Apuramos que a decoração dos remates dos oratórios, oratórios-altar e capelas objeto do nosso estudo, manifestam alguma variedade no tratamento da gramática decorativa. Os remates são decorados com elementos vegetalistas e florais, também surgem as cartelas, as coroas raiadas, os anjos e as volutas. Encontramos representações do Sagrado Coração de Jesus, do Imaculado Coração de Maria e do Espírito Santo. A encimar os retábulos surgem os baldaquinos ou pequenos dosséis, com a intenção de facultar uma encenação de enquadramento, abrigando as imagens, demonstrando assim a sua importância.

⁵⁹ Veja-se Figura 14.

⁶⁰ Veja-se Figura 15.

5.5. Os Pátios das Casas Pátio e das Casas Sobrado

Em Goa, o pátio é reconhecido como Rozangon, resultando do termo hindu Raj Angon, que denomina um pátio interior, situado numa zona centrada e sem cobertura, e envolvido de colunas, com carácter importante nas casas da Índia. As casas pátio são ordenadas à volta de um pátio sobretudo interiores, que se abrem para as várias divisões da casa, também encontramos frequentemente pátios nas casas sobrado. Identificamos que a maioria dos pátios são fechados, contudo, algumas residências possuem mais do que um pátio, podendo ser de feição diferente. Os cristãos preservaram este espaço, emergindo no piso térreo, ligado a uma herança arquitetónica hindu, aliado às suas formas tradicionais de vivência.

6. Conclusão

O propósito deste trabalho foi o estudo específico de duas tipologias de casas cristãs circunscritas à *taluka* de Salsete em Goa, com a finalidade de entendermos as interinfluências estéticas que as ligassem à casa nobre portuguesa. Com este objetivo, analisamos a morfologia das casas cristãs e detetamos similitudes.

As casas sobrado caracterizam-se por serem compostas por um andar térreo e um piso superior, assemelhando-se à casa nobre portuguesa. A casa pátio, apresenta um único piso, por vezes com uma plataforma alta, e manifesta o auge decorativo na fachada, exibindo normalmente o alpendre e as colunas, as quais se trata de uma especificidade desta tipologia de habitação, sem reportarem a uma influência concreta. Ambas as tipologias expressam uma ampla fachada, em conformidade com a casa nobre portuguesa.

Encontramos influências de carácter social que permitem explicar os conceitos estéticos introduzidos nas residências das elites de Goa. Admitimos, que nesta perspetiva, os portugueses levaram para a Índia os conceitos estéticos da casa nobre, sendo absorvidos pelas elites autóctones e expostos com uma combinação de costumes indianos e portugueses, pautados por uma evolução própria, que se faz sentir nas casas por nós estudadas, edificadas entre o século XVII e o século XIX.

As janelas passam a ter um novo horizonte, viradas para o exterior da casa. A sua função está dentro do esquema usado para ventilação das residências, correspondendo ao desenvolvimento do modelo da janela de sacada veiculado nas casas sobrado de origem genuinamente portuguesa, ligadas à introdução da varanda. Em relação à utilização das carepas, acreditamos que tenham tido a sua origem numa ideia desenvolvida pelos portugueses, com um vínculo às gelosias.

O alpendre, surge como um dos elementos mais efusivos da decoração das fachadas das casas pátio, apreendendo os princípios arquitetónicos e formais procedentes de Portugal, com afinidades aos pórticos das casas nobres. Nas casas das elites autóctones de Salsete, os alpendres caracterizam-se por terem uma evolução própria e serem assinalados como um atributo de poder, acessíveis através de uma escadaria, compreendendo colunas ligadas ao seu apoio.

As capelas privadas que fazem parte do nosso inventário, simbolizam a religiosidade e o poder, por apenas ser possível esta edificação às famílias com maiores recursos económicos, capazes de comportar a despesa da sua edificação e conseqüente ornamentação. Os oratórios invocam a fé, pela força da imaginária que prenuncia uma determinação ocidental, pelos temas ligados ao cristianismo, a partir dos modelos portugueses continentais e o fundo religioso pré-existente.

O interior das residências manteve os mesmos hábitos da tradição hindu, assim, em relação aos pátios, detetamos que as casas pátio se desenvolvem em torno do pátio central. Também, as casas sobrado, apresentam frequentemente pátios interiores que se abrem para vários aposentos da casa. A sala de refeições, e aposento da família, é usualmente utilizada para a localização do oratório e oratório-altar, continuando a ter as mesmas características do antigo *vasary* e a fazer parte das casas cristãs.

As famílias brâmanes e chardós convertidas ao cristianismo construíram entre os séculos XVII e XIX casas que testemunham um intercâmbio entre a cultura da tradição hindu, cruzada com características de influências portuguesas. Assim, constatamos que as casas de Salsete apresentam particularidades genuinamente portuguesas na fachada, mas o interior destas residências permanece resistente às características enraizadas hindus.

Bibliografia:

AA.VV, *Os Espaços de um Império. Ciclo de Exposições, Memórias do Oriente*. Estudos, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Porto, 1999.

ARAÚJO, Maria Benedita de Almeida – *Campanhas da Índia – Sofala, Goa e Malaca 1501-1600*. Matosinhos. Edição Quidnovi, 2006.

BRITO, Joaquim Pais de; PEREZ, Rosa Maria; SARDO, Susana – *Histórias de Goa*. Fundação Oriente. Lisboa, 1997.

CARITA, Hélder – *Novos aldeamentos jesuítas na Índia nos finais do séc. XVI e inícios XVII - Ensaio, confrontos e mutações*. Colloque International, Culturel Calouste Gulbenkian, Paris, 2004.

CARITA, Hélder – *Palácios de Goa – Modelos e Tipologias de Arquitectura Civil Indo-Portuguesa*. Livros Quetzal S.A., Lisboa, 1995.

COSTA, João Paulo Oliveira e – *O Império Português do Oriente*. 1.^a edição.: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, Lisboa, 1997.

DIAS, Pedro – *Arte de Portugal no Mundo; Índia – Arquitectura Civil e Religiosa*. 1.^aedição, Editor Publico, 2009.

DIAS, Pedro – *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822). O Espaço do Índico*. Lisboa, 1998.

FARIA, Patricia Souza de - *Guerreiros e sacerdotes a serviço d'El Rei: as castas na escrita do clero nativo da Índia Portuguesa (século XVIII)*. p. 11.

LINSCHOTEN, Jan Huyghen Van – *Itinerário, Viagem ou navegação de ...* edição de Arie Pos & Rui Loureiro. Lisboa, 1997.

MENDES, Lopes – *A Índia Portuguesa*. Lisboa, Volume I. Fundação Oriente, 1992.

MORAIS, Carlos Alexandre - *Cronologia Geral da Índia Portuguesa – 1498-1962*. Macau, Edições ICM, Instituto Rainha D. Leonor, 1993.

OSSWALD, Maria Cristina Trindade Guerreiro - *O Bom Pastor na imaginária Indo-Portuguesa em Marfim*. I^o e II.^o volumes, Porto, 1996.

PANDIT, Heta; MASCARENHAS, Annabel – *Houses of Goa. Architecture Autonomous*, India, 2006.

PEARSON, M. N. – *Os Portugueses na Índia*. Editorial Teorema, Lda., 1987.

PINTO, Maria Helena Mendes – *Catálogo de Goa a Lisboa*. Lisboa: Europália, 1992

ROCHA, Manuel Moreira da – *A Memória de um Mosteiro – Santa Maria de Arouca (Séculos XVII-XX) Das Construções e das Reconstruções*. Biblioteca das Ciências Sociais, Edições Afrontamento, 2011.

SALDANHA, M. J. Gabriel de – *História de Goa – Política e Arqueológica*. Volumes I e II, História Política , Casa Editora, Livraria Coelho, Nova Goa, 1925.

SILVEIRA, Ângelo Costa – *A casa pátio de Goa*. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, ISBN: 972-9483-36-1, 1999.